

O CAOS PODE GERAR O NOVO?

A sociedade caótica em que vivemos aprofunda cada vez mais a barbárie. A violência, homicídios, desequilíbrios psíquicos cada vez mais profundos e variados, crises financeiras em determinados países e situação instável em muitos outros, são alguns dos sintomas da sociedade atual. O caos também está na crise de legitimidade da política institucional, na destruição ambiental, nas relações interindividuais e milhares de outros fenômenos.

A sociedade capitalista está cada vez mais caótica. O caos pode gerar o novo, a utopia, mas também pode gerar a barbárie. A questão é o que determina qual será o destino. O caos coloca a necessidade de mudança. Mas para qual lado?

Para a direita? Politicamente, o que se chama “direita” é quase tudo que existe. Na política institucional só existe direita, mesmo os partidos que se autodenominam comicamente de “centro esquerda”, “esquerda” e até “extrema-esquerda”. A diferença nesses casos é entre conservadores e progressistas, duas faces da mesma moeda. Uns querem voltar ao passado ou impedir as mudanças (os conservadores reacionários) e outros querem manter tudo como está, com o mínimo de mudança possível, a não ser “micromudanças” ou mudanças que reforçam o que existe (os conservadores moderados). Outros querem a manutenção de algumas “conquistas” e pequenas reformas, alguns querem garantir democracia ou ampliá-la ou beneficiar alguns setores da sociedade, como é o caso dos progressistas moderados (trabalhistas, comunitaristas, etc.) e alguns querem reformas sociais (mais ou menos moderadas) e manutenção ou ampliação de “direitos sociais” e “humanos”. Mais à esquerda, há os reformistas mais

ousados, que ainda sonham com a social-democracia e um capitalismo humanizado, como se isso fosse possível. Por fim, a “extrema-esquerda”, representada pelos progressistas extremistas, semiburgueses que querem a conquista do poder estatal e a estatização dos meios de produção, retomando a fracassada experiência do capitalismo de Estado (“socialismo real”).

Isso tudo apenas mostra que entre direita e esquerda não existem grandes diferenças, são todos farinha do mesmo saco. E ambos contribuem com o aprofundamento do caos com suas disputas pelo poder, sua promoção de divisões e subdivisões políticas, sua incapacidade de gerir a desestabilização capitalista. O caos estabelecido aponta para o barbarismo como seu desfecho, inclusive pelo incentivo de ideologias ao irracionalismo (que esteve na fonte do nazismo), individualismo, hedonismo, etc. A produção cultural hegemônica hoje é reproduzida pelos meios oligopolistas de comunicação apenas reforçam o caos, o ressentimento, o ódio, a desesperança. Assim, a tendência mais forte hoje é o barbarismo.

Até grande parte do que se opõe ao barbarismo está influenciado por ele. Contudo, existem formas de resistência menos influenciadas e elementos que permitem retomar o projeto de emancipação humana. O “envenenamento crescente” não é a única coisa existente. Porém, o movimento de resistência que se observa em setores das classes desprivilegiadas, em setores da juventude, em pequenos grupos políticos, entre algumas outras manifestações, ainda é demasiado frágil, tanto por sua fragilidade própria quanto pela dificuldade da maioria dos seus integrantes romper mais audaciosamente com a hegemonia cultural e constituir um campo de luta mais autônomo e coerente. As velhas doutrinas libertárias foram libertadoras, mas seu anti-intelectualismo, seu despreparo teórico (elogiado por muitos, a começar pelos ideólogos que fundamentaram as concepções irracionalistas que hoje são moda), as tornaram um ponto fraco do movimento de transformação social e facilmente reféns das concepções hegemônicas.

O caos traz radicalização e essa já se esboça em vários momentos e lugares. Seja a radicalização ligada ao projeto de transformação radical das relações sociais e orientada teoricamente, permitindo assim unir a utopia e a ação revolucionária, seja a radicalização de indivíduos (desde os desesperados que chegam ao suicídio e homicídio até os que querem fazer apologia da violência, reforçando o barbarismo tendencial), de grupos (trocando a luta pela transformação social por apenas transformação situacional, o que apenas gera mais contradições e conflitos e aumenta a tendência ao barbarismo por não propor nenhuma mudança radical), das classes privilegiadas (e o nazismo e fascismo ressurgem das cinzas).

Alguns ingênuos e bem intencionados pensam que mais “democracia” (uma forma de dominação burguesa), mas “liberdade” (burguesa), mais “amor” (numa sociedade do desamor), mais altruísmo, por si sós, podem evitar o pior. Enquanto os dormentes da ingenuidade não acordarem e analisarem que o que está em jogo não se determina nas relações interindividuais e na boa vontade e possui processos sociais muito mais amplos e complexos, eles estarão apenas evitando uma luta mais decisiva e fundamental para impedir o barbarismo.

A tendência para o novo, a utopia, a autogestão, é hoje dificultada por diversas forças, ideologias, processos. Porém, o caos tende a se aprofundar e as brechas para seu fortalecimento existem. Contudo, a luta de hoje (que não é a luta meramente reivindicativa que não politiza e não proporciona desenvolvimento da consciência, tal como na apologia do autonomismo e auto-organização sem luta cultural e avanço do projeto autogestionário) é fundamental para o fortalecimento dessa tendência e para que o resultado final no embate futuro seja a emancipação humana ao invés da guerra e da destruição. O fortalecimento da utopia pressupõe a prioridade para ela ao invés dos imediatismos e lutas meramente reivindicativas, que fazem parte da luta, mas que se tornadas autossuficientes ou prioridades, são apenas novas formas de reforçar a tendência contrária, ou seja, o barbarismo.